



**Manifesto do CERQUI**

## **Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional**

**28 de abril de 2022**

# **Por um 1º de Maio classista e internacionalista**

**A classe operária deve reconquistar sua independência política  
Lutar pelo seu próprio poder junto à maioria oprimida, para acabar com a  
opressão imperialista, para colocar os meios de produção a seu serviço**

**O capitalismo em completa decomposição nos afunda na miséria, no  
desemprego, nas migrações, na precarização salarial, na perda constante  
de direitos e na guerra! Não foi capaz de defender a vida humana diante  
da terrível Pandemia. Sua sobrevivência nos condena à barbárie.**

O capitalismo está nos afundando na barbárie. Os desempregados e subempregados são milhões, assim como os famintos, os pobres, os migrantes. A Pandemia agravou a situação, e custou mais de 6 milhões de vidas, e agora a guerra na Ucrânia ameaça transformar-se em uma nova guerra mundial, com suas consequências devastadoras. Suas consequências sobre as condições de vida já são descarregadas sobre nossos ombros.

A decomposição capitalista não para, e a guerra comercial promovida pelos EUA se transforma em guerra bélica. Somente a classe operária, com sua política, pode parar este desastre, com seus próprios métodos de luta, com suas organizações, dirigindo os oprimidos. É hora de acabar com a paralisia das direções sindicais, de romper com sua política conciliadora com os governos e os patrões.

Também é hora de as organizações que se reivindicam da classe operária revivam o internacionalismo, as bandeiras da independência política, que abandonem o pacifismo, e sua subordinação ao democratismo burguês. As ilusões nas vias parlamentares, eleitorais, constituintes desviam e dividem os combatentes, e levam a novas frustrações, seja no Chile, Colômbia, Peru, Equador, Brasil ou Argentina.

Devemos discutir como tomar em nossas mãos essa luta. Não esperemos que os burocratas ou refor-

mistas mudem suas políticas, temos de lhes impor um curso de ação.

É imperativo preparar uma luta generalizada de todos os trabalhadores, pelo salário e aposentadoria suficientes, para cobrir o custo de vida, para acabar com o desemprego e a precarização do trabalho; por Moradia, Saúde e Educação públicas.

E também a luta para acabar com o saque aos nossos países, de nossos recursos. Como já foi demonstrado na história, é a classe operária quem deve dirigir a luta anti-imperialista, pelo não pagamento da dívida externa e interna, pela ruptura com o capital financeiro e seus planos, pela estatização do setor bancário e comércio exterior, pela expropriação do latifúndio; pela estatização dos setores vitais da economia, que estão nas mãos do grande capital e das multinacionais.

Devemos dizer que a solução das tarefas nacionais e democráticas somente pode ser cumprida pela classe operária no poder, junto com a maioria oprimida. Não há outra forma de transformar a economia, e colocá-la a nosso serviço. Não há meios-termos. A burguesia é uma classe antinacional, nada se deve esperar dela e de seu regime. Este regime de ditadura do capital não acabará por meio de eleições e constituintes. O caminho é a revolução social.

Os partidos e movimentos nacionais reformistas, burgueses ou pequeno-burgueses, mostram sua co-

vardia e incapacidade de enfrentar o que chamam de modelo neoliberal. Estão de joelhos diante do capital financeiro, oferecem colaboração e cooperação. Sua prostração é definitiva.

A classe operária vive o drama da debilidade ou inexistência da direção revolucionária, que esteja à altura das necessidades históricas, e que expresse politicamente a rebelião das massas, que procuram abrir caminho, apesar de todas as dificuldades e bloqueios. O caminho para resolver as reivindicações e recuperar os direitos é a da ação direta das massas, é o de confiar em seus próprios métodos de luta, em sua própria organização desde as bases, constituir a direção revolucionária, com a certeza de que o capitalismo não pode ser reformado.

É necessário que a vanguarda com consciência de classe realize o balanço das frustrações com sua direção, desde a falência da social-democracia, que no início do século passado passou para o terreno do imperialismo, até a traição do estalinismo contrarrevolucionário, que levou ao colapso da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), e um avançado processo de restauração capitalista, onde os meios de produção tinham sido socializados, destruindo o partido bolchevique, acabando com os soviets, dissolvendo a Terceira Internacional, perseguindo e liquidando grande parte da vanguarda que dirigiu a Grande Revolução de 1917. As políticas do estalinismo levaram a frustrações e derrotas em todo o mundo, em nome da “coexistência pacífica com o imperialismo” ao qual consideravam “democrático”; o respeito à partilha do mundo, acordado no final da Segunda Guerra Mundial; a política de organização das frentes populares com a burguesia; sua concepção etapista da revolução; etc. Hoje, estão integrados e colaborando estreitamente com os governos burgueses.

E também devemos fazer um balanço do lugar da Quarta Internacional, que não teve como cumprir o papel de direção revolucionária internacional, devido às correntes revisionistas que assumiram seu comando. Um balanço desde aqueles que chamaram a vanguarda a ingressar nos partidos comunistas ou nos movimentos nacionalistas burgueses nos anos 1950; desde aqueles que se entusiasmarão com o foquismo nos anos 1960 e 1970, acreditando que havia um caminho rápido para tomar o poder, e aqueles que agora se democratizam abertamente.

Esse balanço é necessário para poder reconstruir o Partido Mundial da Revolução Socialista, sobre as bases programáticas alicerçadas em 170 anos de luta consciente para transformar a sociedade, desde o Manifesto Comunista. Estabelecendo partidos “bolche-

viques”, verdadeiramente comunistas, em cada país, sob a estratégia de revolução e ditadura do proletariado, construindo seu programa. Essa é a luta que temos travado desde o Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional (Cerqui), sobre a base dos princípios do marxismo-leninismo-trotskismo.

Neste 1º de Maio, levamos as bandeiras do FIM DA GUERRA. Desmantelamento das bases militares da Otan e dos EUA da Europa, que vêm preparando esta guerra há vários anos, e não quer nenhum acordo de paz. Não às sanções econômicas e financeiras contra a Rússia! Pela retirada das tropas russas da Ucrânia! Não é por essa via de opressão e da intervenção militar que a Rússia deve ser defendida; Pela autodeterminação da Ucrânia e pela integralidade do seu território, rechaçando que a solução passe por sua fragmentação. Existe um perigo real de que a guerra se espalhe ao longo do tempo e regionalmente, com mais mortes, migrações, destruição de fábricas, pontes, estradas, casas. Além disso, as consequências da guerra já estão sendo sentidas na economia, principalmente com o aumento da inflação, que corrói o valor do salário. É urgente pôr fim à guerra desencadeada pela OTAN!

Essas bandeiras serão conquistadas por meio da luta unitária da classe operária russa, ucraniana e europeia. Essas bandeiras devem ser erguidas como parte de uma campanha pelo FIM da GUERRA. Não se trata de tomar uma ou outra consigna isolada, pois, é um conjunto de medidas para unificar a luta.

O imperialismo procura destruir o que resta da propriedade nacionalizada, apoderar-se dos enormes recursos que a Rússia possui, desarmar seu poder militar, fechar definitivamente a etapa que se abriu com a Revolução Russa. Mas seu objetivo mais importante é a China, que disputa sua hegemonia no mundo, que tem de enfrentar a todo custo.

A classe operária internacional deve intervir para derrotar o belicismo do capitalismo em decomposição, que pode causar uma nova guerra mundial, uma terrível destruição das forças produtivas, empurrando-nos mais rapidamente à barbárie.

***Pelo fim imediato da guerra!***

***Socialismo ou barbárie capitalista!***

***Viva a revolução e a ditadura proletárias!***

***Viva o comunismo!***

***Edifiquemos o Partido Mundial da Revolução Socialista!***